



Flying Mole CA-S10

Dividir para reinar

A empresa japonesa Flying Mole (toupeira voadora, numa tradução literal) nasceu em Novembro de 2000 e dedica-se à investigação e lançamento de produtos de electrónica de áudio orientados para os mercados de consumo e profissionais.

A frase de *marketing* da empresa que acompanha usualmente o logótipo «*Audiophile quality sounds in a digital package*», denuncia a forte aposta em produtos digitais e a sua rápida afirmação no plano internacional, a que não deverão ser estranhas duas opções importantes. Por um lado, a componente diferenciadora e inovadora dos seus produtos digitais, que deriva de algum modo da experiência de engenheiros oriundos dos quadros da Yamaha que compõem a sua equipa. Por outro lado, a robusta aposta nas dimensões de *design* de imagem, incluindo o inigualável logótipo e produtos, através da associação à

também japonesa GK Industrial Design Company, que desenhou, entre outros, o CA-S10.

Antes de avançar um pouco mais na descrição de alguns pormenores técnicos desta proposta, gostaria de referir que o amplificador integrado Flying Mole CA-S10 é uma das peças de áudio que me passaram pelas mãos nos últimos tempos que se revelou mais interessante de analisar. Em primeiro lugar, porque é um produto com um carácter bem vincado, uma compostura explícita e sem «meias tintas». Em segundo lugar, porque apesar disso (ou por causa disso) dividiu meio mundo, a avaliar pela crítica nacional e internacional.

Na Internet é possível constatar que Robert Deutsch da *Stereophile* não o recomenda, e após conduzir os testes de laboratório John Atkinson da mesma *Stereophile* conclui que não

fica surpreendido com o veredicto de Robert Deutsch. Por seu turno Philip Beaudette da *Soundstage* considera este amplificador «*a very good audio buy*» e José Victor Henriques do *Hificlube* pondera os prós e contras, concluindo que «...ao olhar para aquela caixinha de alumínio, não conseguia acreditar que era ela a responsável por aquele som todo...»

Também nas revistas inglesas se observa a divisão, com a *Hi-fi Choice* a classificá-lo com um «*best buy*», referindo no seu *buyers guide*: «*The Mole makes a mountain of detailed sound from its digital circuitry, if you choose your speakers well it's a shortcut to hi-fi nirvana*». E a *What Hi-fi?* atribui-lhe 3 estrelas em 5 possíveis, explicando no respectivo *buyers guide*: «*Not short of appeal, but it looks a little pricey for the quality of sound*». São apenas alguns exemplos, mas que ilustram o quanto esta



proposta tem merecido substancial atenção e pouco consenso. Mas os consensos são mesmo necessários?

Após ler algumas destas críticas, a curiosidade era muita e, quando a oportunidade surgiu e o João Zeferino me perguntou se queria testar o Flying Mole CA-S10, foi com um sorriso intrigado que recebi a resposta. Durante a estadia deste amplificador em minha casa a dinâmica dos testes permitiu que, para além de substituir o amplificador integrado Audio Analogue Primo Settanta na condução das colunas monitoras RS1 da Monitor Audio, alimentado pelo leitor de CD's Audio Analogue Primo CD, com *interconnects* Écosse Baton e Nordost Red Dawn e cabos de coluna Écosse cs2.3, o CA-S10 conduzisse ainda umas colunas de chão JBL ES80 e umas colunas monitoras Bowers & Wilkins 685. Mas antes de revelar o que foi a audição desta peça interessa expor alguns dos seus argumentos tecnológicos para que se tenha uma ideia de todo o trabalho de toupeira que está debaixo daquele chassis em alumínio, guardando para o fim a análise de se as asas desta toupeira a fazem voar baixo, alto ou são de avestruz.

Descrição técnica

O amplificador que se analisa neste artigo tem as suas origens no integrado dual-mono CA-S3 de 20 Watt por canal (a 8 Ohm) e no amplificador monoblocos de potência DAD-M100Pro de 100 Watt (a 8 Ohm) nomeadamente no que se refere à tecnologia de amplificação.

O CA-S10 é uma proposta da empresa japonesa Flying Mole que evidencia de modo claro a sua classe. Olhando para um amplificador integrado mais pequeno do que a maioria (altura de 5,4 cm, largura de 25,3 cm e profundidade de 28,1 cm), bem mais leve do que a maioria (4 kg!) e que anuncia 100 Watt por canal a 8 Ohm ou 160 Watt por canal a 4 Ohm, é bastante provável que estejamos perante um amplificador integrado de classe D ou então perante um (ou vários) erro(s) ortográfico(s). No caso concreto o CA-S10 é um amplificador que funciona em dual-mono com alimentação independente e que se baseia em tecnologia própria de circuito de amplificação de modulação por largura de impulso (PWM, *pulse-width-modulated*) de dupla fase, sendo desenhado de forma a evitar flutuações do sinal que introduzam distorção. Segundo as indicações da marca, ambos os *feedbacks* negativos, analógico e digital, são utilizados na eliminação dos problemas sonoros causados pelas flutuações de voltagem da corrente AC, e o circuito de amplificação DC é construído com base numa frequência DC-50 kHz. Na pré-amplificação é utilizado um circuito activo de regulação do volume (bastante precisa) e uma tipologia minimalista que elimina perdas. O consumo de energia é baixo, com uma eficiência anunciada na ordem dos 85%. Tudo isto é embrulhado num bonito revestimento de alumínio que é utilizado igualmente nos selectores de volume, de entrada e no botão *on/off*.

Importa ainda referir que, fruto das opções tecnológicas, em particular a fonte de alimentação comutada, estamos perante uma peça de alumínio com um *design* e funcionalidade minimalistas, leve e extremamente apelativo. Se pensarmos na evolução dos computadores que passaram de produtos de dimensões enormes a pequenas peças que cabem num PDA, então poderemos realisticamente estar perante uma proposta que está um passo à frente naquilo que poderão ser os amplificadores do futuro. Isto caso se acredite que a tecnologia digital dominará o futuro do Hi-Fi, claro, tema que na actualidade faz apropriadamente correr rios de tinta e não só.

Antes de passar às audições importa referir ainda dois aspectos: a conectividade e a funcionalidade. O CA-S10 tem apenas três entradas RCA, uma saída de *pre-out*, um par de conectores para cada coluna e não tem controlo remoto. Devido à sua topologia específica e desenho tecnológicos pode haver muito boas razões técnicas para este facto ou então apenas opções de custos, mas num mercado concorrencial estes são sempre factores comparativos que podem assumir alguma importância.

Audições

Com todas as características e peculiaridades tecnológicas, estéticas, funcionais e físicas que já se referiram havia a expectativa de que seria de todo improvável que o CA-S10 soasse anónimo ou parecido com maioria

TESTE Flying Mole CA-S10



dos amplificadores desta gama de preços (1.600 €). E, de facto, o que se ouviu nas diversas audições e com as diversas colunas que acima se referiram foi um som muito energético, com um detalhe e clareza assinaláveis e uma precisão inebriante. De uma forma ímpar este amplificador assume o seu lugar no sistema de som com muita propriedade, comandando toda a actividade a partir da recepção da informação oriunda da fonte, com autoridade, rigor e energia.

Quando empareceiro com a forte artilharia sonora das JBL ES80, colunas de quatro vias com dois cones de graves a operar em paralelo (testadas na revista *Audio & Cinema em Casa* n.º 206), a autoridade exercida sobre a maior extensão de graves foi de tal forma surpreendente que provocou alguma estranheza. As JBL ES80 têm um perfil algo frontal na parte superior do espectro sonoro, isto é, nas frequências da gama média-alta e alta, mas apresentam uma exposição dos graves muito disciplinada e cativante, o que as torna inclusivamente mais fáceis de posicionar do que seria de esperar de umas colunas com aquele porte. Colocando o pequeno amplificador no comando desta artilharia, o resultado foi uma exibição de controlo, precisão e recorte que causou uma certa surpresa e perplexidade, dado que a disciplina temporal soou algo implacável e a energia férrea denunciada pelas colunas levantou a questão sobre se estaria perante um exemplo de autoridade ou um exercício de autoritarismo?

Recorrendo ao tema *Feeling Good, Inc* de Gorillaz e às Suites para Violoncelo de J. S. Bach, constatou-se que não faltava nada àqueles graves, com um recorte e articulação bem presentes. Os aspectos dinâmicos voltaram a manifestar-se superlativamente na interpretação de Patrícia

Barber do tema *Nardis* de Miles Davis, com o baixo de Michael Arnpol e a bateria de Mark Walker a revelarem-se seguros como nunca, mas deixando a sensação que tal controlo influenciava subtilmente a fluidez da música e consequentemente a emoção que dela resulta. Na minha opinião não se pode concluir que o Flying Mole está errado e que toda aquela assertividade não resulte de uma fidelização incondicional ao registo musical, extraordinária para este nível de preços com aquele leitor e aquelas colunas, muito embora, para o meu gosto e para o meu historial auditivo, esta combinação por vezes se tenha revelado um pouco presa, com uma secção rítmica algo asséptica. Por seu turno, na gama média obteve-se um detalhe fantástico e os agudos revelaram-se extensos e claros, aproveitando bem a dupla de *tweeters* com um domo de 19 mm laminado a titânio e um radiador anelar de iguais dimensões com película de poliéster que, segundo a JBL, permitem alcançar a zona dos 40 kHz.

Face aos resultados peculiares nas frequências baixas impunha-se naturalmente testar o CA-S10 com outras colunas. No entanto, antes que decidisse retornar às residentes Monitor Audio RS1 chegaram as Bowers & Wilkins 685 e, como diz a expressão popular, «juntou-se a fome com a vontade de comer». As Bowers & Wilkins 685 (testadas na *Audio & Cinema em Casa* n.º 206) são umas colunas fabulosas que marcam o forte regresso desta marca à competição neste nível de preços e lembram às minhas Monitor Audio RS1 que a sua excepcionalidade, que ainda dá luta, já tem alguns anos em cima e que a vida continua. As 685 são colunas coerentes, equilibradas, com um som maduro e consistente, mas muito natural e dinâmico, enfim, um parceiro de eleição para se ouvir música.

Ora, como se desconfiava, o CA-S10 tem preferências e a opção pela ligação às 685 revelou uma empatia muito atractiva, com a exibição musical a manter a sua clareza, dinâmica, energia, ganhando uma importante harmonia no balanço entre controlo e fluidez na secção dos graves. O equilíbrio tonal melhorou substancialmente e a atenção desviou-se para o elevado nível de informação com que somos presenteados. Provocando o CA-S10 com os complexos panoramas electrónicos de Massive Attack, dotados de uma estrutura intrincada em pleno contraste com um registo vocal quase juvenil da irlandesa Sinead O'Connor, estes são apresentados com um detalhe e uma plasticidade fantásticos. Em *What Your Soul Sing* os ambientes variam entre fases quase claustrofóbicas e pequenos espaços de luz e de ar abertos em torno da melodia vocal patente nos versos e as transições foram transmitidas com o refinamento e expressividade adequados à densidade deste tema.

Optando por registos do primeiro álbum de Arctic Monkeys, a energia é contagiante e o tema *A Certain Romance* lembra-nos que não é preciso ter um bom vocalista para se fazer uma boa música de *rock indie*/alternativo e pôr o pé a bater no chão e o corpo a baloiçar para um lado e para o outro. Já os condimentos que geram um verdadeiro crescendo de tensão e os artefactos sonoros narrativos utilizados pelos Dire Straits em *Private Investigations* são apresentados de um modo muito claro, consistente e são fáceis de localizar no palco sonoro. De facto, em termos espaciais a exposição musical é adequada, tal como a focagem, e há uma evidente luminosidade sobre as dinâmicas entre músicos no quarteto de Dave Brubeck, ou

mesmo sobre as contribuições sónicas das plateias de Keith Jarrett, que tornam o ambiente de música ao vivo mais credível na sala de audições.

O retorno às Monitor Audio RS1 e a audição de obras orquestrais ou de peças repletas de preenchidas texturas instrumentais, como o tema *Western* de Yann Tiersen, confirmam a noção de que o Flying Mole CA-S10 precisa de encontrar afinidades no equipamento complementar do sistema de som. Nesse registo e também no tema *Loin des Villes* é possível ficar absolutamente cativado pela transparência do desempenho sonoro, com um dom refinado e um perfil tonal bem mais interessante. Não obstante, torna-se mais claro neste último tema e no registo mais intimista *Plus d'Hiver* que facilmente a atenção do ouvinte fica presa ao modo como CA-S10 expõe a música, numa atitude que se aproxima mais da análise do que da contemplação emotiva.

Tendo em conta o segmento desta proposta e o seu perfil muito informativo e preciso, a tela clara que vai sendo desenhada na sequência de melodias e harmonias torna a música numa realidade muito realista (passe o pleonasma), diria quase de alta e definição, atraindo a atenção para esse facto e deixando assim menos espaço para a emoção. Sem que possa ser acusado de ser frio, o CA-S10 deixa-nos na boca um pequeno desejo de um toque ligeiramente mais aveludado e doce ao longo da sua escala ou talvez mesmo um pouco valvular para que se pudesse alcançar um equilíbrio de alto desempenho transversal. Mas para isto não basta as toupeiras voarem e bem, pois não?



Conclusão

O Flying Mole CA-S10 é uma peça cativante pelo seu *design* externo ao nível estético e sobretudo pelo *design* interno ao nível das soluções tecnológicas que incorpora. É também uma proposta que não tem qualquer dificuldade em mostrar as suas qualidades e opções, impondo a sua energia, a sua precisão e expondo de uma forma repleta toda a informação que obtém da fonte, em especial quando ligado a umas colunas com as quais tenha particular empatia.

Ao colocar tão alto o seu desempenho e a sua eficiência o CA-S10 acaba por revelar também os seus compromissos. A aposta na simplicidade e no minimalismo condiciona a sua flexibilidade e as suas preferências dinâmicas e requinte rítmico convidam o ouvinte a saborear um trago da alta definição sonora, que se manifesta um pouco mais na actividade cerebral do que na alteração do ritmo cardíaco ou corporal.

Consensual? Não, de todo. Mas, de facto, este Flying Mole é de uma integridade soberba e de uma honestidade exemplar, o que na minha opinião pessoal dispensa qualquer necessidade de consensos. Porquê? Porque as pessoas são diferentes e através das suas preferências e sensibilidades sonoras bem distintas procuram produtos diferenciados, que representem uma garantia de fidelidade face aos seus gostos e ao seu modo de comunicar e viver a música. Não vivemos num mundo homogêneo e na riqueza que reconhecemos na diversidade, não me restam dúvidas que o CA-S10 tem os argumentos certos para seduzir quem a este nível de preços privilegia as qualidades que lhe são intrínsecas. E o mercado precisa de produtos assim. É caso para dizer: *Fly mole, fly!*

Preço: 1.600,00 €

Representante: Soundclipse

Tel.: 91 865 17 22

Especificações

Potência de saída	2 x 100 W (8 Ω) / 2 x 160 W (4 Ω)
Resposta em frequência	DC – 50 kHz (0 dB / -3 dB) / (8 Ω)
Distorção harmónica total	0,05 % (@ 50 W / 8Ω / 1 kHz)
Separação de canal	> 70 db (20 kHz)
Sensibilidade de entrada	150 mV (line in)
Impedância adm. colunas	4 - 16 Ω
Consumo de corrente	61 W / 4 Ω (modelo AC 230V)
Peso unitário	4 kg
Dimensões (LxAxP)	281 x 60 x 292 mm

Discos utilizados nas audições

Tema(s)	Intérprete - álbum
A Certain Romance	Artic Monkeys (Whatever people say I am, that's what I'm not, Domino Recording, 2006)
Allegro com Brio da Sinfonia n.º 25 de Mozart (KV183)	Orquestra Filarmónica de Viena sob a condução de Leonard Bernstein (Deutsche Grammophon, 1990)
Der Hölle Rache Kocht in Meinem Herzen	Orquestra Filarmónica de Viena sob a condução de Herbert von Karajan (Die Zauberflöte – Mozart, EMI, 1999)
Lilac Wine	Jeff Buckley (Grace, Columbia, 1994) LP
Part I	Keith Jarrett (The Köln Concert, ECM 1975)
My Favourite Things	John Coltrane (My Favourite Things, Atlantic, 1961)
Suites para Violoncelo (BWV 1007-1012)	Mischa Maisky (J. S. Bach: 6 Cello-Suites, Deutsche Grammophon 1999)
Private Investigations	Dire Straits (Very best of Dire Straits, Vertigo, 1998) HDCD
The Oracle	Dave Holland Quartet (Extensions, ECM, 1990)
Too Young To Die	Jamiroquai (Emergency On Planet Earth, Sony, 1993)
What Your Soul Sings	Massive Attack (100Th Window, Virgin, 2003)
Western, Loin des villes e Plus d'Hiver	Yann Tiersen (Les Retrouvailles, Labels/Virgin Music/ici D'Allieur, 2005)
Vários	Eric Clapton (Unplugged, Reprise, 1992)
Vários	Patrícia Barber (Café Blue, Blue Note, 1994)
Vários	Sting (Fields of Gold: B. of Sting, 1984-1994, A&M 1998)